

IAN McEWAN

A criança no tempo

Tradução

Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1987 by Ian McEwan
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Child in Time

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Imagem de capa
PremiumVector/Shutterstock

Preparação
Ana Cecília Agua de Melo

Revisão
Huendel Viana
Clara Diamant

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McEwan, Ian
A criança no tempo / Ian McEwan ; tradução Jorio Dauster. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: The Child in Time.
ISBN: 978-85-359-3085-6

1. Ficção inglesa I. Título.

18-13108

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Agradecimentos

Agradeço aos seguintes autores e seus livros: Christina Hardyment, *Dream Babies* (Jonathan Cape, 1983); David Bohm, *Wholeness and the Implicate Order* (Routledge & Kegan Paul, 1980); Joseph Chilton Pearce, *Magical Child* (E. P. Dutton, 1977).

Um

[...] e, para aqueles pais orientados erroneamente durante muitos anos pelo anêmico relativismo dos que se autoproclamam peritos em matéria de assistência às crianças [...].

Manual autorizado de puericultura,
Departamento Real de Imprensa

Por muito tempo, tanto no entender do governo quanto no da maioria da população, o subsídio aos transportes públicos foi associado à negação da liberdade individual. Como os vários serviços entravam em colapso duas vezes por dia na hora do rush, Stephen se deu conta de que era mais rápido caminhar de seu apartamento até Whitehall do que pegar um táxi. Era o fim de maio, pouco antes das nove e meia da manhã, e a temperatura já se aproximava dos trinta graus. Caminhou rumo à Ponte Vauxhall, passando por filas duplas e triplas de carros resfolegantes que não tinham para onde escapar, cada um com seu motorista

solitário. Pelo jeito, a busca da liberdade era mais um exercício de resignação que de paixão. Dedos com anéis tamborilavam pacientemente no metal dos tetos quentes, cotovelos cobertos por camisas brancas despontavam através das janelas abaixadas. Viam-se jornais abertos sobre os volantes. Stephen andava rápido através da multidão, através da balbúrdia sonora vinda dos carros — jingles, locutores veementes de programas matinais, noticiários, alertas de trânsito. Os motoristas que não estavam lendo ouviam estoicamente. O avanço incessante da turba nas calçadas devia transmitir-lhes uma sensação de movimento relativo, de estarem deslizando aos poucos para trás.

Com ágeis manobras para ultrapassar os mais lentos, Stephen, embora de forma quase inconsciente, permanecia como sempre à espreita de crianças, em especial uma com cinco anos de idade. Era mais que um hábito, pois um hábito pode ser abandonado. Tratava-se de uma profunda predisposição, uma silhueta que a experiência tinha gravado em sua mente. Não era exatamente uma busca, apesar de haver sido uma caça obsessiva — e por muito tempo. Passados dois anos, só restavam vestígios daquilo: agora era uma grande saudade, uma fome insaciada. Havia um relógio biológico, impiedoso em seu progresso inescapável, que fazia com que sua filha continuasse a crescer, aumentasse e enriquecesse seu vocabulário antes bastante simples, se fortalecesse, firmasse seus movimentos. O relógio, fibroso como um coração, era fiel a uma condição permanente: ela estaria aprendendo a desenhar, começando a ler, perdendo um dente de leite. Ela seria alguma coisa bem conhecida, vista como algo rotineiro. Era como se a proliferação de ocorrências pudesse erodir aquele condicional, o biombo, frágil e semiopaco, cujos tênues tecidos de tempo e acaso a separavam dele: ela está de volta da escola e cansada, o dente foi posto sob o travesseiro, procura pelo pai.

Qualquer menina de cinco anos — embora os garotos também servissem — emprestava substância à sua continuada existência. Nas lojas, ao passar pelos parquinhos, na casa de amigos, ele não podia deixar de procurar por Kate em outras crianças, ou nelas ignorar as lentas mudanças, as competências crescentes, ou deixar de sentir a potência irresistível de semanas e meses, do tempo que deveria ser dela. O crescimento de Kate tinha se transformado na própria essência do tempo. Seu crescimento espectral, o produto de uma tristeza obsessiva, era não apenas inevitável — nada era capaz de fazer parar o relógio fibroso — mas necessário. Sem a fantasia de sua continuada existência, ele estava perdido, o tempo pararia. Era o pai de uma criança invisível.

Mas ali, no Millbank, só havia ex-crianças se arrastando rumo ao trabalho. Mais adiante, pouco antes da praça do Parlamento, via-se um grupo de pedintes com as devidas autorizações. A rigor, não lhes era permitido mendigar perto do Parlamento ou de Whitehall, ou mesmo nas proximidades da praça. No entanto, alguns deles estavam se valendo da confluência das artérias que vinham dos subúrbios. Ele viu seus distintivos brilhando a uma distância de quase duzentos metros. Aquela era a melhor época do ano para eles, que pareciam arrogantes na sua liberdade. Os assalariados tinham de lhes dar passagem. Uns dez mendigos trabalhavam nos dois lados da rua, caminhando inelutavelmente em sua direção, na contracorrente dos demais pedestres. Stephen vinha observando uma criança. Não de cinco anos, mas uma magricela na pré-pubescência. Ela reparara nele de longe. Andava devagar, como uma sonâmbula, estendendo a tigela preta regulamentar. Os funcionários de escritório se dividiam diante dela e voltavam a se juntar mais além. Tinha os olhos fixados em Stephen. Ele sentiu a ambivalência costumeira. Dar um trocado garantia o êxito do programa de governo. Não dar envolvia a decisão consciente de ignorar um sofrimento

peçoal. Não havia saída. A arte do mau governo consistia em romper o vínculo entre as políticas públicas e o sentimento privado, o instinto com relação ao que era correto. Ultimamente ele vinha deixando por conta do acaso. Se tivesse moedas no bolso, dava. Caso contrário, não dava nada. Jamais entregava notas.

A garota tinha a pele bronzçada porque passava os dias nas ruas ensolaradas. Usava uma bata encardida de algodão amarelo, os cabelos cortados bem curtos. Talvez para matar os piolhos. À medida que se aproximavam, viu que ela era bonita, com ar travesso e sardenta, o queixo pontudo. Estavam a menos de sete metros de distância quando ela disparou e apanhou na calçada um bocado de chiclete ainda reluzente. Pôs na boca e começou a mastigar. Dobrou para trás a cabeça pequena ao voltar a olhar na direção dele.

E então se viram frente a frente, a tigela erguida entre os dois. Ela o selecionara havia alguns minutos, era um truque que tinham. Horrorizado, ele meteu a mão no bolso de trás da calça para pegar uma nota de cinco libras. Ela observou inexpressiva quando Stephen depositou a nota em cima das moedas.

Tão logo ele afastou a mão, a garota agarrou a nota, enrolou-a bem enrolada e disse: “Se fodeu, tio”. E já passava a seu lado.

Stephen plantou a mão em seu ombro duro e estreito, apertando-o. “O que foi que você disse?”

Num rodopio, a garota se libertou. Os olhos se estreitaram, e falou com uma voz aflautada: “Eu disse valeu, tio”. Já estava fora de alcance quando acrescentou: “Seu rico de merda!”.

Stephen mostrou as palmas das mãos vazias numa admoestação amena. Sorriu sem entreabrir os lábios para manifestar sua imunidade ao insulto. Mas a garota retomara a caminhada sistemática ao longo da rua, ainda como uma sonâmbula.

Acompanhou-a por um minuto antes que se perdesse em meio à multidão. Ela não olhou para trás.

A Comissão Oficial de Assistência à Infância, sabidamente um projeto visto com muito bons olhos pelo primeiro-ministro, havia gerado catorze subcomitês cuja tarefa consistia em fazer recomendações ao órgão superior. Sua verdadeira função, diziam os cínicos, era satisfazer os ideais disparatados de uma infinidade de grupos de interesse — os lobbies do açúcar e do fast food, os fabricantes de roupas, brinquedos, leite em pó e fogos de artifício, as instituições de caridade, as organizações de mulheres, as associações interessadas em criar faixas para pedestres — pressões de todos os lados. Entre os segmentos da sociedade que abrigavam os formadores de opinião, poucos se recusaram a servir. Concorrava-se em geral com o fato de que o país estava cheio de gente de má índole. Havia fortes correntes de opinião sobre o que era um bom cidadão e o que cabia fazer pelas crianças a fim de que constituíssem uma cidadania digna no futuro. Todo mundo participava de algum subcomitê — até mesmo Stephen Lewis, autor de livros infantis, embora isso se devesse inteiramente à influência de seu amigo, Charles Darke, que tinha pedido demissão pouco depois de os comitês começarem a trabalhar. Stephen era membro do Subcomitê de Leitura e Escrita, presidido pelo reptiliano lorde Parmenter. Semanalmente, ao longo dos meses ressequidos daquele que se revelou ser o último verão decente do século xx, Stephen frequentou as reuniões numa sala lúgubre do Whitehall, onde, lhe disseram, haviam sido planejados em 1944 os bombardeios noturnos contra a Alemanha. Ele teria muito a dizer com respeito à leitura e à escrita em outros momentos de sua vida, mas, naquelas sessões, tendia a descansar os braços sobre a grande e lustrosa mesa, inclinar a cabeça numa atitude de respeitosa atenção e manter a boca fechada. Ele vinha pas-

sando muito tempo sozinho. Uma sala apinhada não diminuía sua introspecção, como havia esperado, e sim a intensificava e tornava mais sólida.

Pensava em especial na mulher e na filha, e no que deveria fazer consigo próprio. Ou matutava acerca da repentina saída de Darke da vida pública. À sua frente havia uma janela alta através da qual, mesmo no meio do verão, os raios solares jamais penetravam. Mais além, um retângulo de grama cortada bem rente emoldurava um pátio onde cabia meia dúzia de limusines ministeriais. Nas horas de folga, os motoristas relaxavam e fumavam, lançando olhares desinteressados para os membros do comitê. Stephen remoía recordações e devaneios, o que era e o que podia ter sido. Ou era remoído por tudo aquilo? Às vezes pronunciava mentalmente seus discursos compulsivos, acusações tristes ou amargas cujas diversas versões eram revisadas de forma meticulosa. Enquanto isso, mal e mal acompanhava as discussões em volta dele. O comitê estava cindido entre os teóricos, que tinham feito todas as suas reflexões muito tempo antes, e os pragmáticos, que achavam que iam descobrir o que pensavam durante o processo de dizer o que pensavam. Os limites da polidez eram testados, porém nunca rompidos.

Lorde Parmenter presidia com uma banalidade solene e astuta, indicando quem devia falar com um movimento rápido dos olhos semicerrados e sem cílios, erguendo um braço frágil para controlar os arroubos, fazendo seus raros pronunciamentos de macaquinho com uma língua seca e sarapintada. Somente o jaquetão escuro denunciava uma origem humanoide. Ele possuía um jeito aristocrático de usar lugares-comuns. Uma longa e mal-humorada discussão sobre a teoria do desenvolvimento infantil tinha terminado num útil impasse graças à sua decisiva e substancial intervenção: “As crianças são assim mesmo”. As crianças detestavam sabonete e água, aprendiam bem depres-

sa e cresciam rápido demais, tudo era apresentado na forma de axiomas igualmente difíceis. A trivialidade de Parmenter, além de desdenhosa, era destemida ao proclamar a circunstância de ser ele um homem demasiado importante e invulnerável para se importar com a possibilidade de parecer um imbecil quando abria a boca. Não precisava impressionar ninguém. Não se curvava sequer à conveniência de ser interessante. Stephen não tinha dúvida de que se tratava de um sujeito muito inteligente.

Os membros do comitê não consideravam necessário se conhecer muito bem. Terminadas as longas sessões, enquanto papéis e livros eram enfiados nas pastas, tinham início conversas cortesias que se mantinham ao longo dos corredores pintados em duas cores e se tornavam meros ecos à medida que todos desciam a escada de concreto em caracol, dispersando-se nos vários níveis da garagem subterrânea do ministério.

Nos meses de calor sufocante e mesmo depois, Stephen empreendeu a viagem semanal a Whitehall. Era seu único compromisso numa vida livre de qualquer outra obrigação. A maior parte desse tempo disponível ele passava de cueca, estendido no sofá diante da televisão, bebericando melancolicamente uísque sem gelo, lendo revistas de trás para a frente e assistindo às Olimpíadas. À noite, ele bebia mais. Comia num restaurante da região, sozinho. Não procurava os amigos. Nunca retornava as chamadas registradas na secretária eletrônica. Em geral não se importava com a imundície do apartamento, com as avantajadas moscas pretas em suas rondas sem pressa. Quando saía, temia rever a deprimente configuração de suas velhas posses, o modo como as poltronas vazias se acocoravam tendo a seus pés pratos sujos e jornais antigos. Era a teimosa conspiração dos objetos — assento de privada, roupas de cama, sujeira no chão —, desejosos de permanecer tal como haviam sido deixados. Em casa também nunca estava distante de seus temas: a filha, a mulher, o que fazer.

Mas ali lhe faltava concentração para manter um pensamento continuado. Seus devaneios eram fragmentários, desordenados, quase inconscientes.

Os membros faziam questão de ser pontuais. Lorde Parmenter sempre chegava por último. Ao se acomodar na cadeira, abria a sessão emitindo um tênue gargarejo que, com muito engenho, se transformava em suas primeiras palavras. O secretário do comitê, Peter Canham, sentava-se à sua direita, com a cadeira afastada da mesa a fim de simbolizar seu distanciamento das atividades. Tudo que se exigia de Stephen era parecer plausivelmente alerta durante duas horas e meia. Essa útil moldura era-lhe familiar desde os seus tempos de estudante, das centenas ou milhares de horas de aulas dedicadas à vadiagem mental. A própria sala era familiar. Sentia-se em casa com os interruptores de baquelite marrom, os fios elétricos dentro de canos empoeirados presos sem elegância às paredes. Na escola que havia frequentado, a sala onde eram dadas as aulas de história se parecia muito com aquela: o mesmo conforto desgastado e generoso, a mesma mesa comprida maltratada que alguém ainda se dava ao trabalho de encerar, os vestígios de solenidade convivendo soporificamente com a burocracia maçante. Quando Parmenter, com sua afabilidade de réptil, traçou as diretrizes do trabalho da manhã, Stephen ouviu a balsâmica cadência galesa de seu professor dissertando sobre as glórias da corte de Carlos Magno ou os ciclos de depravação e reforma no papado medieval. Pela janela, via não o pátio de estacionamento murado e os carros cozidos pelo sol, mas, como se estivesse dois andares acima, um roseiral, campos esportivos, uma balaustrada cinzenta bem enodoada e, mais além, terras acidentadas e sem cultivo que desciam em direção aos carvalhos e faias, terminando no largo litoral do

braço de mar, bem azul, um quilômetro e meio separando uma margem da outra. Tratava-se de um tempo perdido e de uma paisagem perdida: ele voltara certa vez para descobrir que as árvores haviam sido eficientemente derrubadas, as terras aradas e o estuário atravessado por uma ponte para veículos. E, como vivia obcecado pela perda, foi fácil transportar-se para um dia gélido e ensolarado no lado de fora de um supermercado no sul de Londres. Ele segurava a mão da filha. Ela usava um cachecol de lã vermelha tricotado pela mãe dele e carregava junto ao peito um burrico bem gasto. Caminhavam para a entrada. Era um sábado, havia muita gente em volta. Ele segurou sua mão com firmeza.

Parmenter tinha terminado de falar, agora um dos professores universitários fazia uma defesa hesitante dos méritos de um alfabeto fonético recém-elaborado. As crianças aprenderiam a ler e escrever mais cedo e com maior prazer; a seu juízo, a transição para o alfabeto convencional seria feita sem esforço. Stephen segurava um lápis e parecia prestes a tomar notas. Com a testa franzida, movia a cabeça ligeiramente, embora fosse difícil precisar se em sinal de concordância ou repulsa.

Kate estava na idade em que lhe causavam pesadelos a linguagem em rápida expansão e as ideias que daí surgiam. Era incapaz de descrevê-los aos pais, mas certamente continham elementos encontrados nos seus livros infantis — peixes falantes, uma grande rocha com uma cidade dentro, um monstro solitário que desejava profundamente ser amado. Havia tido pesadelos na noite anterior. Várias vezes Julie precisou sair da cama para ir vê-la, e só voltou a dormir bem depois do raiar do dia. Dormia agora. Stephen preparou o café da manhã e vestiu Kate. Ela estava bem acesa, apesar da provação noturna, ansiosa para ir ao supermercado e passear no carrinho de compras. Aquele sol estranho num dia gélido a intriga. Coisa rara, cooperou na tarefa de ser vestida. Postou-se entre os joelhos dele enquanto Stephen fazia

entrar os braços e as pernas na roupa de inverno. Seu corpo era tão compacto, tão imaculado! Ele a levantou e encostou o rosto em sua barriga, fingindo que ia mordê-la. O corpinho cheirava a cama e a leite. Ela soltou um gritinho e se contorceu, mas suplicou para que fizesse de novo quando a pôs no chão.

Stephen abotoou a camisa de lã, a ajudou a vestir o grosso suéter e fechou o macacão. Ela começou uma cantoria vaga e abstraída que resvalava para a improvisação, cantigas de ninar e trechos de canções natalinas. Sentou-a na cadeira, calçou as meias e deu laço nas botinhas. Quando ele se ajoelhou, Kate acariciou seus cabelos. Como muitas menininhas, ela tinha uma típica atitude protetora com relação ao pai. Antes de saírem do apartamento, se certificaria de que Stephen havia abotoado o casaco até em cima.

Levou uma xícara de chá para Julie, que se encontrava semiacordada, com os joelhos erguidos contra o peito. Ela disse alguma coisa que se perdeu entre os travesseiros. Ele enfiou a mão por baixo das cobertas e massageou a parte inferior de suas costas. Ela se virou e puxou o rosto dele na direção de seus seios. Ao se beijarem, ele sentiu na boca de Julie o gosto denso e metálico do sono profundo. Mais além da escuridão do quarto, Kate ainda cantarolava seu pot-pourri de melodias. Durante alguns segundos, Stephen se sentiu tentado a desistir de ir às compras e plantar Kate com alguns livros diante da televisão. Podia se meter debaixo das pesadas cobertas ao lado de sua mulher. Tinham feito amor logo ao nascer do sol, mas sonolentos, sem chegar ao fim. Ela o acariciava agora, desfrutando de seu dilema. Ele voltou a beijá-la.

Estavam casados havia seis anos, um período de lentos e delicados ajustes aos princípios conflitantes do prazer físico, das obrigações domésticas e da necessidade de solidão. Quando um deles era negligenciado, na certa vinha prejuízo ou caos para os

demais. Mesmo enquanto apertava levemente o mamilo de Julie entre o indicador e o polegar, ele fazia seus cálculos. Depois da noite conturbada e da expedição para fazer as compras, Kate necessitaria tirar uma soneca ao meio-dia. Teriam então a certeza de um tempo ininterrupto. Mais tarde, nos tristes meses e anos que se seguiram, Stephen se esforçava para recapturar aquele momento. Para achar de volta o caminho entre as dobras que separavam os eventos, enfiar-se por baixo das cobertas, reverter sua decisão. Mas o tempo — não necessariamente como ele é, mas como o pensamos — proíbe de forma monomaníaca as segundas oportunidades. Não há um tempo absoluto, sua amiga Thelma lhe disse várias vezes, nenhuma entidade independente. Só a nossa compreensão pessoal e frágil. Ele postergou o prazer, cedeu ao dever. Apertou a mão de Julie e se pôs de pé. No hall, Kate veio em sua direção falando alto, erguendo o burrico bastante puído. Ele se curvou para dar mais uma volta no cachecol em torno do pescoço dela. Ela se pôs na ponta dos pés a fim de verificar se os botões do casaco de Stephen estavam abotoados. Deram-se as mãos antes mesmo de passar pela porta da frente.

Pisaram na calçada como se enfrentassem uma tempestade. A rua era uma artéria importante que levava ao sul, de tráfego feroz. O dia muito frio, anticiclônico, ficou muito bem gravado numa memória obsessiva por sua intensa luminosidade, que punha em relevo cada detalhe impudente. Perto dos degraus e sob o sol, havia uma lata amassada de coca-cola cujo canudinho, ainda tridimensional, permanecia no lugar. Kate mostrou vontade de salvá-lo, mas foi proibida por Stephen. Mais adiante, junto a uma árvore e como se iluminado por dentro, um cachorro fazia cocô com o traseiro trêmulo e uma expressão radiante, sonhadora. A árvore era um carvalho cansado cuja casca parecia recém-esculpida, os relevos engenhosos e brilhantes, os sulcos em profunda sombra.

Em dois minutos se chegava ao supermercado cruzando a rua de quatro pistas numa faixa de pedestres. Perto da zebra, onde aguardaram para atravessar, havia uma loja de motocicletas, um local de encontro internacional para os fãs daquele tipo de veículo. Homens com barrigões e roupas de couro surradas estavam encostados ou montados nas máquinas paradas. Quando Kate tirou da boca o dedo que vinha chupando e apontou, o sol baixo iluminou o que parecia ser um revólver fumegante. No entanto, ela não encontrou palavras que exprimissem o que via. Por fim atravessaram diante de uma matilha de carros impacientes que saltaram para a frente, rosnando, no instante em que os dois alcançaram a ilha central. Kate procurou pela senhora que vendia pirulitos e sempre acenava para ela. Stephen explicou que era sábado. Como havia muita gente, segurou sua mão com mais força enquanto caminhavam para a entrada. Em meio ao vozerio, aos gritos e ao matraquear das registradoras, encontraram um carrinho. Kate sorria prazerosamente ao se aboletar no assento.

Os fregueses dividiam-se em dois grupos, tão distintos quanto tribos ou nações. Os primeiros eram proprietários nas vizinhanças de casas vitorianas que tinham sido reformadas. Os segundos moravam em altos prédios dentro de conjuntos habitacionais erguidos nas vizinhanças. Os que compunham o primeiro grupo tendiam a comprar frutas e legumes frescos, pão de centeio, café em grão, peixes recém-pescados num balcão especial, vinho e bebidas alcoólicas, enquanto os do segundo compravam legumes em lata ou congelados, feijão cozido, sopas instantâneas, açúcar branco, bolos, cerveja, bebidas alcoólicas e cigarros. No segundo grupo havia aposentados comprando carne para seus gatos e biscoitos para eles próprios. E jovens mães, magras e fatigadas, com cigarros pendurados nos lábios, que às vezes perdiam o controle no caixa e davam uns tabefes em alguma criança. O

primeiro grupo continha casais jovens e sem filhos, com roupas vistosas, que na pior das hipóteses estavam pressionados pela falta de tempo. Também se viam mães fazendo compras na companhia das babás, além de pais, como Stephen, comprando salmão fresco, dando sua contribuição.

O que mais ele comprou? Pasta de dente, lenços de papel, sabonete líquido, o melhor bacon disponível, um pernil de cordeiro, bifês, pimentões verdes e vermelhos, rabanetes, batatas, papel-alumínio, um litro de uísque. E quem estava lá quando sua mão se estendia para pegar esses produtos? Alguém que o seguiu enquanto ele empurrava Kate entre as prateleiras abarrotadas, alguém que se mantinha a alguns passos de distância quando ele parava, que fingia estar interessado num rótulo, mas depois continuava a caminhar atrás dele? Ele havia retornado mil vezes, visto sua própria mão, uma prateleira, os produtos se acumulando, tinha ouvido Kate tagarelando, e tentou mover os olhos, erguê-los contra o peso do tempo, para divisar a figura encoberta na periferia de sua visão, aquela que estava sempre ligeiramente de lado e atrás, aquela que, movida por um estranho desejo, calculava as probabilidades ou apenas esperava. Mas o tempo fixava para sempre sua vista nas tarefas mundanas, e em volta dele formas indistintas vagavam e se dissolviam, enquadradas em categorias.

Quinze minutos depois chegaram ao caixa. Havia oito bancadas paralelas. Ele se juntou a uma pequena fila no balcão mais próximo da saída porque sabia que a moça daquele caixa trabalhava com rapidez. Havia três pessoas à sua frente quando parou o carrinho, e ninguém atrás quando se voltou para levantar Kate de seu assento. Ela estava se divertindo e pouco propensa a ser perturbada. Choramingou e prendeu o pé de propósito no assento. Ele foi obrigado a erguê-la mais alto para liberar o pé. Notou sua irritabilidade com certa satisfação: era um sinal seguro de

que estava cansada. Terminada essa pequena luta, só havia duas pessoas à sua frente, uma das quais se preparava para sair. Ele contornou o carrinho a fim de esvaziá-lo na esteira transportadora. Kate segurava a barra larga na outra extremidade do carrinho, fingindo que o empurrava. Ninguém atrás dela. Nesse momento, a pessoa logo à frente de Stephen, um homem encurvado, se preparava para pagar por várias latas de ração para cachorros. Stephen pôs os primeiros itens na esteira. Quando endireitou o corpo, julgou ter sentido uma figura atrás de Kate usando um casaco escuro. Mas nem chegou a ser uma percepção, foi antes uma debilíssima suspeita criada por uma memória em desespero. O casaco podia ser um vestido, um saco de compras ou sua própria invenção. Ele estava empenhado em uma atividade banal, louco para terminar logo. Naquele instante, mal era um ser consciente.

O homem com a comida de cachorro estava indo embora. A moça do caixa já entrara em ação, os dedos de uma das mãos movendo-se velozmente sobre o teclado enquanto a outra puxava para perto os produtos comprados por Stephen. Ao tirar o salmão do carrinho, Stephen deu uma olhada para baixo, na direção de Kate, e piscou o olho. Ela o imitou, mas desajeitadamente, enrugando o nariz e fechando os dois olhos. Ele pôs o peixe na esteira e pediu à moça um saquinho. Ela meteu a mão debaixo de uma prateleira e lhe entregou o saquinho. Ele pegou e olhou para trás. Kate havia desaparecido. Não havia ninguém na fila atrás dele. Sem pressa, afastou o carrinho, imaginando que ela houvesse se escondido atrás do balcão. Depois deu mais alguns passos, varrendo com os olhos o único corredor que ela teria tido tempo de alcançar. Caminhou de volta, olhou para a esquerda e para a direita. De um lado havia filas de fregueses, do outro uma área vazia, depois a catraca cromada, as portas automáticas que davam para a calçada. Poderia ter havido uma figura